THE VILLAGE (A VILA, 2004) – MEMÓRIA, MEDO E VIOLÊNCIA NO CINEMA DE M. NIGHT SHYAMALAN

Rossana Karla Dias Freitas Yano
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0166-5592
Endereço eletrônico: rossanakdf@gmail.com

Rogério Luiz Silva de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5108-2830
Endereço eletrônico: rogerioluizo@gmail.com

Palavras-chave: cinematografia; memória; medo; violência simbólica.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta parte de uma pesquisa de doutorado intitulada "Silêncios da Imagem: Memória e Não Dito no Processo Criativo de M. N. Shyamalan", em desenvolvimento na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. A pesquisa objetiva analisar o processo criativo do cineasta indiano, radicalizado nos Estados Unidos da América, à luz de teorias e metodologias alicerçadas na Memória. O objetivo é refletir como o roteiro e os elementos de cena do filme "The Village" (A Vila, 2004) constroem uma trama que envolve medo, violência e silenciamento, articulando símbolos de memória com recursos de controle.

Na trama, um grupo de pessoas se reúne e decide criar uma Vila, onde as normas de convivência, o modelo educacional, a distribuição de poder e renda, os modos de produção e a vida em geral, são pautados a partir das deliberações do grupo fundador, que são chamados de anciãos. Eles criam um espaço onde todo o normativo social é estabelecido a partir de crenças baseadas nas experiências de violência que viveram, inclusive alteram o período do tempo em que vivem, para forjarem um espaço-tempo onde não haja violência. Todavia, todo o apagamento do mundo ao redor da Vila é construído sob o medo e a hipótese de que eles estão livres das violências que envolvem as cidades porque elas não ultrapassam os limites físicos da Vila.

A tentativa de controlar o tempo e criar uma realidade artificial podem ser analisados, no nosso entendimento, à luz dos conceitos de Henri Bergson, como o de *Duração*. Mas, também, é possível relacionar o que está sendo apresentado por Shyamalan com os conceitos de Gilles Deleuze, em torno do que chama de blocos de sensações. As noções favorecem a análise dos símbolos de Memória que compõem os elementos apresentados em cena.

METODOLOGIA

O trabalho adota como *corpus* o filme The Village (A Vila, 2004), analisando como Shyamalan utiliza processos criativos cinematográficos para construir blocos de sensações de Memória que evidenciam o medo, o controle e o apagamento. No roteiro do filme, o autor nos apresenta um grupo de pessoas que depois de viverem experiências de violência decidem criar uma nova comunidade, em um novo espaço, com novas regras. Todavia, o filme exemplifica um modelo de reconstrução social que, para escapar da violência estabelece várias práticas simbólicas de violência.

Para a análise, decupamos cenas do filme que nos permitem estabelecer diálogos com as concepções de memória de Bergson e Deleuze, especialmente as que apresentam elementos cinematográficos que envolvem desenvolvimento do roteiro, figurinos, banda sonora, objetos de cenas. Nos interessa aqui também, refletir como o filme a "The Village" (2004) possibilita analisar a interseção entre violência e audiovisual, como o tema da violência é tratado, quais recursos são usados para apresentar os símbolos de violência, como a linguagem cinematográfica provoca a reflexão sobre o tema da violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte, como a filosofia e a ciência, tem um importante papel de fazer pensar, com o Cinema é assim: "(…) tudo se passa como se o cinema nos dissesse: comigo, com a imagem-movimento, vocês não podem escapar do choque que desperta o pensador em vocês. (…) (Deleuze, 2018, p.228). "A Vila" (The Village, 2004) é um filme que tem este papel de afetar quem o assiste, ele faz refletir e pensar sobre as "verdades" que são criadas nos vários grupos sociais e passamos anos de nossas vidas acreditando nestas verdades, até que "involuntariamente" surgem indagações que nos fazem questionar e colocar em "xeque" princípios, regras e postulados que vigoraram por décadas. Como bem assevera Bordwell e Thompson (2013, p. 29), "*(...) Filmes comunicam informações e ideias, e nos mostram lugares e modos de vida com os quais de outra forma talvez não tivéssemos contato. (...)*".

Estes autores também nos lembram sobre as possibilidades de "viagens" que os filmes proporcionam por meios de suas imagens e histórias, mas principalmente chamam atenção que nada em um filme é por acaso, tudo foi detalhadamente planejado "para ter certos efeitos sobre quem assiste."

No filme, os anciãos guardam suas memórias em um baú, são conjuntos de fotos e recortes de jornais que materializam o tempo que se pretende esquecer. Ao mesmo tempo em que "tudo que se quer esquecer" é colocado dentro de um baú e trancado, este objeto ocupa na casa de cada um dos anciãos um lugar de destaque. De forma bem contraditória, o tempo todo aquele objeto está presente, lembrando aquelas pessoas de que existe um passado que não se pode esquecer e na verdade este passado está presente o tempo todo no modo como vivem e se relacionam com a vida. O que nos remete às afirmações de Deleuze (2018, p.120) de que "(…) o passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular. (…)".

Escolhemos duas sequencias do filme para analisar como o medo é usado de forma violenta para coibir as tentativas de busca por melhores condições da saúde ou qualquer outro tipo de interação entre os moradores da Vila e outros grupos. Em uma sequência, Lucius, que é um jovem rapaz, determinado e valente, que cresceu na Vila, que diante da morte de um amigo, por doença, e na ausência de qualquer tratamento que desse esperança para o moribundo, ele se prontifica a cruzar a floresta, enfrentar os monstros que moram lá para buscar recursos, e acredita que por estar imbuído de bons sentimentos convencerá os inimigos a deixá-lo atravessar a floresta. Assim ele se apresenta ao conselho dos anciãos para pedir a permissão para partir. Além de não ser autorizado, ele é convencido pela mãe de que é uma péssima idéia, porque só existe violência nas cidades. Além disso, logo depois de suas investidas, a Vila é, supostamente, invadida pelos inimigos e várias reservas são perdidas, colocando toda a comunidade em perigo e em prejuízo. Dentro de um clima de total pânico, todos são convencidos de que não devem nem pretender questionar as regras estabelecidas e Lucius é mais uma vez desmotivado a tentar romper as barreiras da Vila.

Em outra sequência, Lucius é atacado e ferido gravemente. A sua noiva Ivy, se apresenta ao Conselho de Anciãos para pedir para ir às cidades buscar ajuda para Lucius. Depois de ponderar muito e considerarem que como Ivy não pode enxergar, porque ela é deficiente visual, eles resolvem deixá-la ir. Ivy cruza a floresta, chega "às cidades" e nos revela como toda uma comunidade vive sob a égide do medo. Recorremos à concepção de Bergson sobre *Intuição* e as contribuições de Deleuze (2012, p.16) e Maciel Jr. (2017. p.39)

para analisar as sequências apresentadas e avaliar como os conceitos apreendidos pela inteligência se confrontam com a intuição para uma apreensão imediata de uma consciência que, neste caso, está vinculada com um estado latente de violência.

CONCLUSÕES

As sequências do filme The Village (A Vila, 2004), aqui analisadas, apresentam como a memória pode atuar simultaneamente como mecanismo de preservação e de controle social. Ao buscarem escapar das experiências traumáticas de violência vividas no passado, os anciãos constroem uma comunidade fundamentada no apagamento do mundo exterior e na produção sistemática do medo. Contudo, o filme demonstra que o passado não pode ser eliminado, pois permanece coexistindo com o presente, manifestando-se nos objetos, nas narrativas e nas práticas sociais que organizam a vida da Vila.

A análise permitiu identificar que os elementos cinematográficos mobilizados por M. Night Shyamalan — como a construção do roteiro, os objetos de cena, os figurinos e a atmosfera sonora — constituem verdadeiros blocos de sensações de memória, capazes de produzir no espectador percepções relacionadas ao medo, à insegurança e ao silenciamento. Nesse sentido, a obra confirma a potência do cinema como forma de pensamento, capaz de problematizar as relações entre memória, verdade e poder.

Desse modo, The Village apresenta uma crítica contundente às formas de violência simbólica que se legitimam por meio do medo e do controle da memória coletiva. Ao revelar que a comunidade criada para fugir da violência reproduz práticas igualmente violentas, o filme convida à reflexão sobre os limites das tentativas de controlar o tempo, a verdade e a experiência humana. Assim, a obra de Shyamalan demonstra que a memória, longe de ser um simples registro do passado, é um campo permanente de disputas, silenciamentos e reconstruções que moldam a vida social e as formas de percebê-la.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema:** Uma Introdução. Tradução: Roberta Gregoli. Campinas, SP.: Editora da Unicamp: São Paulo, SP:Editora da USP, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 –** A imagem-tempo. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34. 2018.

MARCIEL JUNIOR, Auterives. **O Todo aberto:** Duração e Subjetividade em Henri Bergson. Rio de Janeiro. Rj: Arquimedes Edições, 2017.

THE VILLAGE (A VILA). Direção e Produção: M. Night Shyamalan. Estados Unidos. 2004. Cor. 120 min.